

## ÁFRICA, RESGATE HISTÓRICO E DIÁSPORA NAS AMÉRICAS

### *Registros pessoais*

**José Luiz Pereira da Costa**, maio de 2015

“A ideia de que os restos de antigas civilizações da África e as suas conquistas devam ser atribuídos a persas, indianos, árabes, asiáticos e europeus – a qualquer um, enfim, menos aos africanos – não pode ser encarada com seriedade. Há mais de três mil anos Homero se mostrava tão pasmo com o maravilhoso engenho criativo dos negros, que viu no Egito e países vizinhos, a ponto de considerá-lo como acima da capacidade dos mortais. Aquelas obras, disse Homero, teriam sido feitas por parceiros dos deuses. À parte os elogios de Homero, recentes descobertas arqueológicas e milhares de livros provam que a grande herança do homem negro é consideravelmente mais rica e mais avançada do que a cultura imperial europeia de séculos recentes, que quis fazer crer ao mundo exterior, que o negro foi erguido de sua degradação e miséria humana pelos seus senhores brancos. Fatos relativos ao passado mais recente do continente Africano são ainda mais abundantes, e no que concerne a noções tradicionais, são estas da mesma forma importantes. Embora os africanos tenham tido familiaridade com muitas dessas evidências por séculos e mesmo milênios – quase tudo era ignorado pelo Ocidente até uns duzentos anos atrás. A partir de então, virtualmente até nossos dias, o conhecimento da África se restringia a uns poucos estudiosos. Mesmo na atualidade, quando novas descobertas chegam ao Ocidente, há uma tendência para cepticismo ou, pelo menos, surpresa”.

Quem externou essas ideias por escrito? Quem as publicou, nos distantes de agora, anos 1960, quando pesquisadores afro-americanos viravam seu foco para a África, de aonde maciçamente vieram seus ancestrais?

Quem escreveu foi o professor William Leo Hansberry<sup>1</sup>, considerado, no meio universitário norte americano, como o Pai dos Estudos Africanos. Professor em Howard, teve como alunos Kwame Nkrumah<sup>2</sup>, que viria a ser o líder da independência da Costa do Ouro, e que, eleito primeiro-ministro, rebatizou a extinta colônia com o nome Gana, de um fulgurante império africano de meados do século primeiro. Lecionou também para Nnamdi Azikiwe, que viria a ser o primeiro presidente da recém independente Nigéria. Fundou o Conselho para Pesquisa Etíope.

Quem publicou foi *Ebony Magazine*, numa sequência de ensaios, com imagens pictóricas, como um dos pilares da valorização cultural e autoestima dos milhões de seus leitores.

Eram os anos em que mais se intensificava a luta pelos Direitos Civis, num país que legalmente separava seus nacionais em brancos e não brancos. Em seu Sul, especialmente, segregava tenazmente os afrodescendentes. Portanto, sementes haviam que ser lançadas para que florescesse adiante uma consciência plena de igualdade a ser exigida como um direito natural. O direito a plena cidadania.

---

<sup>1</sup> Foi adiando, enquanto vivo, a publicação de um livro com suas pesquisas. Após a morte, seus herdeiros publicaram *Africa & Africans, As seen by classical writers, volumes 1 e 2, Howard University Press*.

<sup>2</sup> Tradução de biografia de Kwame Nkrumah no site [www.dacostaex.net/pcd.html](http://www.dacostaex.net/pcd.html)

Mas era o período em que, do outro lado do Atlântico, na face voltada para as Américas, despontavam como independentes ex-colônias europeias. Gana, outrora Costa do Ouro, conquistara sua independência em 1957.

A Nigéria unia suas Nações, em um ímpeto independente, em 1960, que logo adiante rumaria para uma sangrenta separatista Guerra Civil – a Guerra de Biafra.

O Quênia, superando o movimento libertário Mau-Mau, vê a vitória de seu líder Jomo Kenyatta, um batalhador pela independência, desde 1945.

Do Cabo Verde independente recebi a carta de seu primeiro presidente Aristides Pereira.

Em 1963, mesmo ano em que o Quênia se separava da Inglaterra, ocorria a Marcha pelos Direitos Civis, em Washington. Um dia antes, em Gana, morria W. E. B. Du Bois, que escreveu, no início do século: *“A crescente presunção, silenciosa, nestes tempos, é de que a provação das raças é passado e que as raças atrasadas de hoje são de inquestionável ineficiência e desmerecedoras de salvação. Essa é uma posição de arrogância de povos insolentes face ao Tempo e ignorantes da capacidade do homem. Mil anos atrás, tal assunção, facilmente concebível, teria tornado difícil aos teutões provar seu direito à vida. Dois mil anos antes, esse dogmatismo, prontamente bem-vindo, teria relegado a ideia de raças loiras liderando as civilizações. Tão lamentavelmente desorganizado é o conhecimento sociológico do significado do progresso, que a aceção de “rápido” e “devagar”, no agir humano, e os limites da perfeição humana são veladas – esfinges não desvendadas nas praias da ciência. Por que Ésquilo versejou dois mil anos antes que Shakespeare nascesse? Por que a civilização floresceu na Europa e tremulou, queimou e morreu na África? Enquanto o mundo se mantiver incapaz de responder essas questões, deve esta nação proclamar sua ignorância e desmistificar preconceitos que negam liberdade de oportunidade àqueles que trouxeram as Canções de Sofrimento<sup>3</sup> para os Assentos dos Poderosos”*

Na Marcha pelos Direitos Civis, em que se contabilizou a presença de 250 mil pessoas, e Luther King externou seu sonho, que se tornaria parte da história de seu País, o secretário da NAACP, Associação Nacional para o Desenvolvimento das Pessoas de Cor, Roy Wilkins, interrompeu o texto que lia para anunciar a morte, na véspera, de W. E. B. Du Bois. Disse: *“Não obstante haver Du Bois, nos seus últimos anos, escolhido um outro caminho, é incontroverso o fato de que desde o alvorecer do século vinte ele foi a voz chamando cada um de vocês para este encontro de hoje”*.

E era verdade sem sofisma, a fala de Wilkins. Não era mero exercício de retórica para uma multidão predisposta a ouvir àquela afirmativa. No distante 1903, ao tornar público seu livro, uma coleção de 14 ensaios, hoje um clássico da literatura dos Estados Unidos, *As Almas do Povo Negro*<sup>4</sup>, profetizava: *“Um dia dar-se-á o Despertar, quando, com vigor enclausurado, dez milhões de almas marcharão, de*

---

<sup>3</sup> *Sorrow Songs*, um gênero musical dos escravos americanos.

<sup>4</sup> Tradução integral com comentários em [www.dacostaex.net/pcd.html](http://www.dacostaex.net/pcd.html)

*forma irresistível, em busca do Objetivo, fora do Vale da Sombra da Morte, onde tudo que faz da vida digna de ser vivida – Liberdade, Justiça e Direito – têm como epíteto: Somente para os brancos”.*

William Edward Bougardt Du Bois é credor também das ações que levaram jovens africanos, estudando ou exilados na Europa e na América, a iniciar o processo que chegaria a independência das colônias. Organizou o Primeiro Congresso Pan-africano em Paris, com o apoio do representante senegalês à Assembleia Nacional Francesa, Blaise Diagne e do primeiro-ministro da França, Georges Clemenceau, mas também consegue ver aprovada resolução encaminhada à Conferência pela Paz (1919), realizada em Paris, onde solicita que seja tomado conhecimento da situação dos povos negros vivendo sob o regime colonial europeu, na África, e apela seja estendida proteção aos seus direitos civis.

Eu era um jovem jornalista, na casa dos vinte anos, então.

Eu havia nascido, socialmente, numa entidade chamada *Clube Náutico Marcílio Dias*<sup>5</sup>. Um clube para negros, que oferecia, mais do que a diversão dos bailes, também algumas variedades de esporte, como o remo, nas águas de nosso Rio Guaíba. Havia o basquete e o vôlei. Realizava olimpíadas onde, sem similar, inseria concurso cultural. Entrando no Clube, eu não havia chegado aos vinte anos. Fundei seu jornalzinho, que pode ser pesquisado em minha página na Internet<sup>6</sup>. Eu havia antes, bem menino, feito o jornal mural do clube de futebol de minha Zona, como se dizia na época e, adiante, cooperei no jornal dos Estudantes Secundários.

Em 1959, quando se ultimavam os preparativos para o lançamento da edição gaúcha do jornal *Última Hora*, fui contratado como repórter. E como tal trabalhei intensamente por alguns anos. Eu me comunicava bem em Inglês, assim que os estrangeiros relevantes que chegavam a Porto Alegre e que o jornal desejava que fossem entrevistados, me designava. Foi uma galeria de notáveis com quem me relacionei<sup>7</sup>, como jornalista, mas destaco dois, que vão se ligar diretamente com o teor desta conferência.

Entrevistei, um dia – e me tornei seu guia quando estive em Porto Alegre – a editora internacional de *Ebony Magazine*, Era Bell Thompson. Ela havia estado em algumas cidades brasileiras e iria escrever, ao fim, uma série de artigos tendo como título “*Mistura racial deu certo no Brasil?*”<sup>8</sup> Cumpri com a minha missão de repórter e intérprete, estando com ela nas sociedades de negros, em Porto Alegre. Deixou-me, ao ir embora, alguns exemplares de sua revista.

O outro personagem, o professor Frank M. Snowden, Jr.<sup>9</sup>, que viria a publicar, em fins dos anos 1960, seu livro *Blacks in Antiquity*<sup>10</sup>, sobre o qual falou quando entrevistado.

<sup>5</sup> A história do Clube Náutico Marcílio Dias, desde sua fundação, está em [www.dacostaex.net/pcd.html](http://www.dacostaex.net/pcd.html)

<sup>6</sup> [www.dacostaex.net/pcd.html](http://www.dacostaex.net/pcd.html)

<sup>7</sup> Ver em: [www.dacostaex.net/pcd.html](http://www.dacostaex.net/pcd.html)

Setor Cartas.

<sup>8</sup> [www.dacostaex.net/pcd.html](http://www.dacostaex.net/pcd.html) Ver em *Paisagem Africana*.

<sup>9</sup> Ver setor “Cartas” de [www.dacostaex.net/pcd.html](http://www.dacostaex.net/pcd.html)

<sup>10</sup> [www.dacostaex.net/pcd.html](http://www.dacostaex.net/pcd.html) Ver a introdução traduzida para o Português, setor “Cartas 2”.

Minha consciência de ser negro era absoluta. Minha atuação intensa em meu Clube era a prova disto. Eram tempos em que, num singelo exemplo, apresento uma de minhas carências: não sei nadar. Apesar disto, temerariamente, me lançava no Guaíba nos barcos de remo. Mas meus irmãos mais velhos, todos sabiam nadar. Por quê? Porque clubes que tinham piscina não aceitavam negros como sócios. E meus irmãos? Havia um riacho em frente à nossa casa que, no tempo adequado deles, era de águas limpas. Os meninos de então, no verão, disputavam certames de natação no riacho. No meu tempo, o arroio se havia transformado em um córrego de dejetos.

Os clubes existentes, àquele tempo, eram locais de encontro entre velhos camaradas e promoviam, periodicamente, bailes. Preparavam-se para o carnaval. O aparecimento de um clube com atividades físicas se constituiu em uma bela alternativa. Os sócios, na esmagadora maioria jovens, apareciam nos fins de semana para conversar, namorar e praticar esportes.

De meu entrevistado, professor Snowden, ficou lançada a semente da procura – busca por compreender por que ele havia dedicado sua vida acadêmica, professor e pesquisador, no encontrar argumentos científicos para provar que o eurocentrismo deixara de lado o passado histórico da raça negra. O professor Snowden, integrante como aluno, um dia, e mestre em seu futuro, frequentou tanto Harvard quanto Howard, duas das mais prestigiadas universidades de seu país. E mergulhou na história antiga, muito antes de a Europa existir como organismo político, na leitura e cuidadosa interpretação de documentos gregos, egípcios, árabes e de uma diversidade de culturas de pessoas de pele escura ou preta, englobados por ele como Etíopes.

A literatura dos afro-americanos me era conhecida desde muito cedo. Eu havia lido James Baldwin, Richard Wright, que viria influenciar em muito meus textos no futuro, Langston Hughes, Ralph Ellison e outros, todos em livros de bolso, traduzidos ou não para o Português. Mas, apesar disto, eu não ligava seus pensamentos, externados literariamente, com o drama real que viviam em casa. Talvez eu fosse muito jovem para ter uma compreensão da literatura de protesto que eles obravam. Mas a conversa com o professor Snowden pôs em ebulição antigas leituras e eventos reais dos noticiários internacionais, abundantes na redação do jornal.

E a minha colega jornalista americana?

Ela deixou-me nas mãos um verdadeiro tesouro desconhecido. Sua *Ebony Magazine*, a revista de ébano – duzentas páginas com impressões a cores e em preto e branco magnificas, sem similar no Brasil, com matérias de cunho atual e histórico: havia as seções ‘*Os Presidentes que mais magoaram os negros*’, ‘*Os Negros na História*’, ‘*Nossa Gente*’, uma galeria dos negros que haviam superado todas as barreiras e projetavam-se em todos os níveis. Os anúncios, muitos conhecidos no Brasil, com modelos brancos, eram ali estampados, todos, com modelos negros.

No encontro com Era Thompson, eu já trabalhava noutro jornal e avançara de repórter para redator. Assim, conversei com o secretário de redação para que publicássemos, no caderno especial dos domingos,

uma série de reportagens da revista americana *Ebony*, que eu a iria traduzir. Recebeu o título de “*O Passado de Ouro da África*”<sup>11</sup>, com texto original do professor William Leo Hansberry, um ex-aluno de Du Bois.

Eu passava a ocupar generosos espaços nos jornais em que trabalhava, para cooperar no esforço gigantesco dos norte-americanos negros de elevar a autoestima dos leitores de origem africana. E aqui, por meus textos, propor uma reflexão aos leitores em geral: a África não fora um deserto cultural, social e político, antes que os europeus descobrissem mão de obra forte e gratuita, impondo seu império de força para conquistá-la.

Seis anos depois de meu ingresso como principiante num jornal, eu era já o editor de política de outro. E isto levou-me a frequentar por encargo a Assembleia Legislativa de meu Estado, onde fiquei amigo de um veterano político, o único negro no Parlamento, deputado Carlos Santos. Ele – uma vida toda, um defensor dos valores de seus ancestrais, bem perto dele, ainda escravos – praticamente me perfilhou. Passei a ser seu pupilo dileto e, como tal, quando se tornou presidente da Assembleia Legislativa, nomeou-me seu chefe de Gabinete. Quando, por decorrência do cargo, ele substituiu o governador do Estado, sugeri que iniciássemos um processo de aproximação com a África, de nossos ancestrais comuns. Aceitou a sugestão e iniciei ações de contatos com as embaixadas africanas já instaladas no Brasil – no Rio de Janeiro, ainda – e fomos recebidos pelo embaixador de Gana, a primeira nação africana ao sul do Saara, na Costa Oeste, a se tornar independente.

A presença do primeiro embaixador africano no Sul, mereceu grandes espaços nos jornais, tornando-me muito conhecido.

Em 1970, o cônsul dos Estados Unidos, em Porto Alegre, sofreu um atentado a bala, e sobreviveu. Mas foi removido para casa. Em seu lugar, nos passos que a luta pelos direitos civis dava nos Estados Unidos, enviaram um diplomata negro.

Passei, então, num almoço semanal que mantínhamos, a conhecer de perto as histórias que Richard Wright e outros contavam em seus textos. A vida dos negros norte-americanos, especialmente no Sul, tornava-me, à distância, um simpatizante.

Assim, dentro do programa que o Departamento de Estado promovia, de oferecer a jornalistas e políticos brasileiros, conhecer a democracia americana, fui convidado e aceitei, passar trinta dias viajando pelo país, visitando jornais, emissoras de rádio, parlamentos e casas de família norte-americanas – iniciei esta experiência, ficando um fim de semana na casa dos pais do cônsul Roberto Lane, na Carolina do Norte – um dos redutos de tensão racial. Fui recebido na paróquia protestante e saudado pela comunidade negra – assim como se vê nos filmes americanos.

Eu estava pronto para uma nova jornada, mas não sabia qual.

Em 1967, fomos convidados, o deputado Carlos Santos e eu, pelo governo de Portugal<sup>12</sup>, para visitar suas colônias de Angola e Moçambique – as duas lutavam cruentamente para se livrar do jugo colonial português, o mais opressor e retrógrado dos colonizadores de África. Agostinho Neto e Samora

---

<sup>11</sup> Em *Antologia com textos de autores afro-americanos*, [www.dacostaex.net/pcd.html](http://www.dacostaex.net/pcd.html) ver Sankore.

<sup>12</sup> Ampla material no setor Cartas de [www.dacostaex.net/pcd.html](http://www.dacostaex.net/pcd.html)

Machel, com quem me encontraria anos adiante, lideravam a guerra anticolonial. A repercussão negativa desse convite em meio às embaixadas de Senegal e Gana foi tamanha, que a viagem não se realizou.

A nova jornada se iniciou, sim, em dezembro de 1974, quando integrei a primeira missão comercial brasileira à África – a Feira Internacional de Dacar, no Senegal. No jornal em que trabalhava, alguns anos adiante, assim registrei a nova jornada: *“Um de meus avós, o ‘seu’ Costa, fora dono de um armazém de secos e molhados, nas imediações da Igreja São Pedro, nos primeiros anos deste século. Guardamos, em família, um retrato onde ele aparece, com vasto bigode, atrás de um balcão e em frente a prateleiras com bebidas, fumo em rolo, sacos de cereais etc. Não sei exatamente quando, mas num tempo qualquer do passado ele largou a Lusitânia e, cheio de sonhos e esperanças, rumou para o Brasil. Caiu em Porto Alegre e nos braços de uma bela mulata, minha avó materna.*

*O outro avô, pai de meu pai, ou seu pai – quem sabe seu avô – não escolheu o caminho da vinda. Foi trazido na ‘marra’, de um ponto qualquer da África (Costa dos Escravos? Quem sabe Daome? ou será de Angola? Ou do vasto Sudão?) num barco infecto, como as pessoas agora imaginam os navios negreiros, depois do filme Raízes. Os sonhos desse meu antepassado, por mais ousados que fossem, jamais tiveram as cores da esperança, da aventura, da ansiedade, de meu avô lusitano.*

*Pois, ao pisar no solo de Senegal, em Dacar, eu repetia, ao inverso, o caminho de um e desagravava, ainda que, na simbologia das emoções, o padecimento do outro”.*

Em meados dos anos 1970, praticamente todas as ex-colônias europeias eram países independentes; mesmo as portuguesas vizinhas ao Senegal ficaram livres do jugo europeu uns poucos dias após eu haver deixado Dacar, de volta para casa. Inúmeros eram os refugiados de ex-colônias vizinhas, como Cabo Verde, Guiné-Bissau, Guiné-Conacri e as distantes como Angola e Moçambique, que se abrigavam num Senegal independente e liberal, presidido por um humanista e poeta, Léopold Sédar Senghor.

Na casa de uma família de originários da Guiné-Bissau, refugiados cujo patriarca havia sido assassinado pela PIDE – Polícia Internacional de Defesa do Estado<sup>13</sup>, famigerada organização fascista que controlava as colônias portuguesas, participei de um sarau. Éramos jovens e de nacionalidades diversas – mas todos, inclusive os brasileiros, nós com um passado colonial apenas na memória histórica; a maioria ali presente, porém, sem exceção, havia experimentado em suas existências o ser menos que cidadão.

Como recordação dessa noite, fiz de memória, com alguma licença literária, anotações. Um dos participantes definia a lógica do pensamento africano, assim: *Educado dentro dos métodos dedutivo e indutivo, conforme a lógica do pensamento ocidental, onde o real é tudo aquilo que toca aos sentidos já consagrados, não poderia ele, o europeu, conhecer a filosofia africana sem que se identificasse à própria essência das coisas que condicionam a vida africana.*

Dizia a mais: *O africano é dotado de faculdades transcendentais, ainda estranhas, que lhe permitem jogar com as forças sutis da natureza. Sua sensibilidade, aprimorada na convivência diária com*

---

<sup>13</sup> No setor de músicas africanas, podem ser ouvidas músicas sobre a PIDE e sobre o sofrimento secular, na voz de Virgílio Massingue, de Moçambique. Há músicas semelhantes de Angola, por Bonga, tema musical que abre o site, de Cabo Verde e Guiné-Bissau.

*a natureza exuberante do continente, faz com que ele procure se harmonizar, complementar-se à mesma natureza em lugar de querer subjugar-la, à maneira ocidental. Nasce do íntimo do africano uma nova dimensão que é o sentimento, o qual está verdadeiramente vinculado à intuição. O africano sente, pois, o subjetivo transcendendo ao objeto; a substância excedendo a matéria e o espírito superando a forma. Não é preciso tocar para sentir; não é necessário ver para crer. E ao conceber o universo com outras dimensões, a essência das coisas passa a representar sua própria realidade, definida pela intuição.*

Outro jovem exilado informava: *“O despertar da África trouxe à sociedade humana moderna novos valores culturais e espirituais, que estão a exigir uma reformulação dos conceitos de civilização moderna. O pensamento, as artes, a filosofia, os costumes, as tradições, a mística, a vitalidade que a nossa África oferece ao mundo ocidental, são um testemunho eloquente da existência dos valores de uma civilização africana que não só aceitou o desafio da civilização ocidental como, na verdade, está respondendo a ele positivamente através do pensamento de africanidade, da filosofia da Negritude, de tomar consciência de suas realidades e potencialidades”.*

Entusiasmado, acrescentava: *“E a Europa, sobretudo, procura com toda ansiedade conhecer as origens e as razões desta reação africana, como se houvesse uma inspiração para revitalização de suas próprias forças, de sua fé nos valores espirituais do homem, tão profunda e duramente agredidos no mundo ocidental. A influência africana na Europa é hoje um fato incontestável. Como o é nas Américas, onde pode ser, todavia, diversa, conceitualmente. Na Europa a influência provém de um povo africano saído do colonialismo. Nas Américas, entretanto, a influência vem de africanos que foram escravos”.*

Ao fim, profetizava a jovem anfitriã muito do que o pós-independência africana mostraria. De forma literal, Isabelle disse: *“Teremos muito que aprender. Teremos líderes que o tempo, por certo, transformará em tiranos. Outros permanecerão por toda a vida como governantes. Há todo um processo de amadurecimento à nossa frente. Somos hoje novos países, com lideranças novas, muitas das quais não estão preparadas para conduzir os destinos de nossos povos, como fariam líderes experientes de antigos Estados europeus. Mas, aqui é África. O povo aqui é o nosso e não o deles. Portanto, a única maneira é seguir nosso destino. Cometer nossos erros, pagar por eles e, adiante, encontrar as soluções”.*

Eu me despedi do Senegal, de Dacar em particular, com a levemente incômoda presença, em tudo que representava poder econômico, nas mãos de franceses,  *pied noir*, nascidos na colônia ou importados da França. Enfim, escrevi, também no texto de meu *Reencontro em Dakar*, a fala final do personagem central que registrou o narrador: *Logo a seguir algo lhe chamou a atenção, nos poucos minutos em que o automóvel parou num semáforo: “Um homem forte, um metro e oitenta, quem sabe, cabelos grisalhos e já rareando, especialmente na frente. Teria uns 70 anos. Não fora o bubu marrom que vestia, parecia-se com venerandos senhores das ruas de Porto Alegre. Mas não. Aquele homem era a imagem de seu pai, já morto. E executava, seu Mário, ou quem sabe, monsieur Abdoulaia Fofana, em Dakar, na frente de sua casa, aquilo que seu pai insistiu a vida toda em fazer: ao invés de escovar os dentes, massageava-os e às gengivas, com o indicador, untado em bicarbonato de sódio. Como estava fazendo aquele homem que, como Dakar se moviam para um canto da memória de Paulo. No mesmo lugar em que repousam, para*

*serem revividos em momentos especiais, Miúda, as cabras de Malvina e de Lothar; Dr. Silva, a Festa dos Navegantes, ou as enchentes da Ilhota”.*

Voltei à África um ano depois. Cheguei em Gana. Iria participar, por conta própria, de uma Feira Internacional, em Acra, a capital.

Richard Wright, descrevendo sua viagem a Gana<sup>14</sup> – ao tempo em que ainda se chamava Costa do Ouro, mas que caminhava a passos firmes para a independência, pois mesmo ainda colônia, já contava com parlamento e primeiro-ministro – narrou sua chegada à terra de seus ancestrais assim: *“Saído da alfândega, eu via a África pela primeira vez, em primeiro plano: vida negra por todos os lados. Meus olhos se cravaram numa mulher vestindo colorida e brilhante extensão de fazenda, que fixava às costas seu nenê; as pernas da criança se esparramavam sobre suas cadeiras e coxas, enquanto a cabecinha repousava no sono com um rosário de contas na testa. A veste segurava o peso do nenê e se ancorava sobre os seios, comprimindo firme a carne”.*

Foi em Acra, que, eu, como Wright – do aeroporto de minha entrada no país ganense, após trespassar a burocracia da alfândega e ver-me na parte fronteira à gare de passageiros – comecei a ver a África em primeiro plano. Diferentemente de Dacar, daquele momento em diante, e em cada dia que passou, mais e mais, havia *“vida negra por todos os lados”*. E havia uma sociedade que a meus olhos, diferentemente da capital do Senegal, estivera privada, enquanto colônia, da qualidade de vida que desfrutavam os colonizadores. Mas que fora capaz de, com o que lutou por conseguir, consolidar em escassos anos, uma qualificada mão de obra, capaz de administrar – com grandes dificuldades, registre-se – tudo o que o Estado havia avocado para gerir.

Nesse tempo, vários amigos contavam, como anedota, a dívida que Gana teria para com o mosquito, que deveria merecer uma estátua pública ou estar na bandeira do País. Não fora o mosquito, que fizera Gana ter a fama de túmulo dos brancos, teriam ali ficado; ao contrário, fugiam de se radicar, temerosos da malária, que os ceifava impiedosamente. Isto teria livrado Gana de ser uma África do Sul, diziam.

Quando cheguei a Gana, fantásticas obras haviam sido concluídas – passavam-se, então, apenas 17 anos da Independência. Akosombô era a barragem que continha as águas do Rio Volta para gerar eletricidade bastante para suprir toda a demanda do país. Linhas de alta tensão haviam sido estendidas de Akosombô até além das fronteiras do norte, levando eletricidade para pelo menos dois países vizinhos, Alto Volta e Daomé<sup>15</sup>. Takoradi, onde Wright desembarcara, deixara de ser o principal porto marítimo, cedendo lugar ao moderno complexo portuário de Tema, com o único dique seco da África, para reparo de navios. Era ligado à Acra por uma moderna autoestrada. E sobretudo, elegante e funcional era a Universidade Lagon, nos subúrbios de Acra; a mais, as politécnicas de Kumasi e Cape Coast, que despejavam jovens qualificados para a gestão do ousado projeto de Nkrumah de nacionalização de Gana. O grande projeto Nkrumah, antecede à Independência, pois foi escolhido Primeiro Ministro, ainda ao tempo da Costa do

---

<sup>14</sup> *Black Power – A Record of Reactions in a Land of Pathos, 1953 – Harper Perennial.*

<sup>15</sup> Hoje, respectivamente, Burkina Faso e Benin.



Ouro. Sua ação tinha por escopo, e ele realizou em grande parte, criar empresas nacionais de grande porte, capazes de atuar em áreas essenciais e estratégicas, inexistentes no país.

E repetindo a frase de Wright, “*vida negra por todos os lados*”, ali se via além das ruas, no interior das instituições, “*vida negra*”: Entrava-se num banco – os balconistas eram nacionais. Havia um problema, os gerentes eram nativos. Em se chegando ao governador do Banco Central, este era um ganense. Os pilotos dos jatos da *Ghana Airways* eram africanos – raramente encontravam-se comandantes brancos, mas, mesmo nesses voos, o copiloto era negro. Os professores universitários e das escolas técnicas, majoritariamente ganenses.

Minha aventura na Feira foi um sucesso e abriu as portas para que eu, nos anos seguintes, três décadas, formasse um relacionamento pessoal que me daria, como a poucos, a chance de conhecer pessoalmente muito de África e dos africanos. Em Gana, ganhei, mesmo, o nome nativo de Kofí, daqueles que nascem numa sexta-feira, o que se deu por um erro de interpretação, pois em verdade nasci numa quarta-feira e deveria ser chamado de Kwaku.

Tive um círculo de amigos, liderado pelo embaixador Vishnu Kofi Wasiamal, que conheci no Brasil, quando era o titular da Embaixada de Gana. Quando estava em Acra, reunia em sua residência vários amigos, dentre eles um advogado, Joe Lamptey, que me fez realizar, no romance *O Caminho da Volta*, um exame comparativo entre o Direito Usual, calcado no modelo inglês, e o Direito Tradicional, ainda vigente nas comunidades mais remotas do país, lideradas por chefes e conselhos de anciões. Numa trama singela, que se inicia com a denúncia de um vizinho, de que a moradora do apartamento de cima pilava seu *fufu*, comida local, gerando um ruído ensurdecedor. O vizinho vai à Justiça e ela contrata um advogado, seu amigo de infância. De minha pesquisa, expliquei nas falas dos personagens o sistema judicial: *As cortes oficiais eram formadas por Juízos do Protetorado e Juízos Africanos, dos chefes do condado e subcondado. Dentro do definido como kyaró — comumente uma localidade despovoada ou uma pequena unidade territorial —, desenvolviam-se os trabalhos de arbitramento, chamados de rukurato rw'enzarwa, conselho de nativos; ou rukurato rw'abatahi, conselho de vizinhos.*

*Uma vez que os desentendimentos entre as partes tornavam-se de conhecimento público e qualquer chance de reconciliação desaparecesse, teriam de enfrentar a primitiva instituição judicial, e isso ocorria de duas formas. Havia a interferência de uma Corte Nativa, integrante do sistema judicial existente. Essa era aplicada às ofensas graves, como homicídios, lesões corporais, feitiçaria etc.*

*A outra, menos formal, para casos mais leves, assegurava à parte ofendida poder apresentar seu caso, seguindo-se uma discussão informal.*

*Encerrada essa fase, que poderíamos chamar de fase de instrução, dava-se, desde logo, o julgamento, ao fim do qual saía também a sentença. O rukurato condenava a parte derrotada a trazer cerveja e carne. Consumiam, entretanto, a pena, tanto os membros da corte quanto os litigantes. Em ato contínuo, os querelantes deveriam ajoelhar-se e agradecerem ao rukurato pela decisão.*

A costa atlântica de Gana é pontilhada de fortes, castelos e estalagens, herança dos amargos tempos do tráfico de escravos. Dois deles me vem à memória, aqui: o Castelo Osu, que, restaurado, ainda é a sede do governo do país. O outro é o tristemente famoso, Castelo de São Jorge da Mina, lá conhecido como

*Elmina Castle*. Por ali passaram os africanos que um dia foram conhecidos no Brasil como Negros Mina. Também, os escravos que iam para as Américas do Norte, do Sul e do Caribe, especialmente Cuba. Pedro Alvarez Cabral teria se abastecido ali antes do pulo atlântico, que resultou no descobrimento do Brasil.

O Castelo São Jorge da Mina, é um capítulo à parte da tragédia que foi o tráfico atlântico de escravos. Quero registrar aqui duas manifestações a respeito – fragmento do livro de Richard Wright, *Black Power*, e de um conto que escrevi chamado *Elmina*. Início com Wright:

*“Cheguei ao Elmina bem no momento em que o sol se punha e seus longos raios vermelhos iluminavam assustadores muros do castelo, de uma sombria, porém resplandecente majestade. É de longe o mais imponente dos castelos que se encontram ao longo das praias da Costa do Ouro. Construído originalmente pelos portugueses em 1482... Estive no minúsculo cubículo, com pequenas fendas nas paredes. Este era o local onde os chefes africanos se escondiam, observando aqueles que haviam capturado serem vendidos para os europeus. Os chefes não queriam que as vítimas soubessem quem os vendia... Eu vi as masmorras onde mantinham os escravos – imensos salões desnudos com pisos de pedra. Algumas das paredes têm quase um metro de espessura. Atalaias erguem-se a sessenta metros do solo. Que sonhos vastos! Que fé Augusta! Quão elegantemente o castelo se assenta. Que linhas arrojadas! Que, sem dúvida, gosto! O rei Prempeh I foi mantido pelos ingleses numa ampla e desnuda sala, em uma das torres. Quando nessa sala, fiquei pensando o que se teria passado por sua mente... O quanto deve haver rezado por ajuda de seus antepassados! O rumor entre os nativos é da existência de um vasto tesouro nas profundezas da fortaleza. Não creio que exista; mas os nativos, lembrando-se das terríveis histórias do que se passava entre aqueles muros, gostam de pensar que há pó de ouro; milhares de toneladas. Se existe um tesouro escondido dentro dessas largas paredes, estou certo de que têm o resplendor que ofusca o ouro – uma minúscula, qual pera, lágrima que se formou no rosto de alguma negra, apartada de seus filhos; a lágrima que lampeja ainda hoje, percebida nos fracos raios que iluminam o calabouço – uma lágrima assustada que se esvai à aproximação dos passos, mas que reaparece quando a quietude se impõe, sustando ali, naquele rosto negro, não redimido, intranquilo – uma lágrima que foi apressadamente enxugada quando seu braço foi agarrado e ela foi encaminhada através daqueles estreitos, úmidos degraus que a endereçavam para o túnel que forçava seu andar no rumo do navio que a carregaria através do bravio, brumoso-tumba, Atlântico...”* Assim Wright encerra seu relato sobre o *Elmina*.

Meu conto, *Elmina*, faz ficção sobre um professor negro de nossa Universidade, que, atendendo um programa da FAO, vai à Cape Coast, onde fica a faculdade agrícola do país, dar aulas de sua especialidade e, como Wright, eu e inúmeros afroamericanos, visita o Castelo de São Jorge da Mina. Leio seu final:

*Então aconteceu.*

*Foram só dois minutos, o tempo em que os agrônomos ganenses deixaram o colega brasileiro sozinho num imenso salão. De pé direito elevado, contava, em alguns pontos, quase encostados ao forro, respiros que deixavam entrar limitada porção de ar. No chão, valetas que corriam em todo o ambiente, constituíam-se em canais de coleta e drenagem da urina e fezes líquidas. Ainda no piso, o que sobrara de*

*grilhões de ferro que o tempo, a maresia e a pilhagem não haviam consumido. O salão contava com duas portas, apenas: entrada, uma, ensinaram-lhe. A outra era a do caminho sem volta. Desembocava, essa, num embarcadouro por onde, arrastando suas correntes e vendo lançado ao mar o que sobrava de sua dignidade, adentravam os tumbeiros. Tupinambá via o salão, desta feita ajudado pela iluminação fraca que a saída para o mar, hoje sem porta, assegurava, deixando passar a luz em tons de púrpura, de um sol que se punha.*

*Aí, fez-se real, por completo, nos tons de preto e cinza, o painel que sua imaginação, cinco anos atrás, reunindo pontos isolados, compôs: as pedras do chão eram as mesmas que suas mãos tatearam séculos atrás; o ruído do mar quebrando na costa e chocando-se contra as paredes do Elmina era o mesmo ouvido pelas sucessivas gerações que por ali passaram, quase todos oprimidos pelo medo do desconhecido, pela angústia do estar sozinho e pela sensação onipresente da iminência de perder tudo. Seu olfato, que, do passado, apenas registrava o odor da maresia e mofo, era incapaz de encontrar rastros do cheiro das pessoas que não mais se encontravam ali. Veio, de memória, como numa lufada única e terrível, o cheiro horripilante de humanidade.*

*O homem e a mulher, que nunca os viu, sentiu-os intensamente, como então. Suas vozes plangentes vieram à sua mente, naquele instante, de um passado remoto, mas não imemorial.*

*Iluminou-se em Tupinambá um detalhe.*

*Compreendeu, no momento em que seus colegas retornavam para encaminhá-lo a outro sítio do castelo, que o homem e a mulher, de seu encontro fantástico, cinco anos atrás, falavam exatamente como faziam, na sua infância, dois velinhos com quem, embora tenha convivido pouco, o marcaram sobretudo: seus longevos bisavós.*

Com o passar dos anos e minha constante presença em Gana, vi a pátria de Nkrumah se constituir naquilo que a personagem real, mas de nome fictício de meu romance, Isabelle, previa no alvorecer da independência maciça das colônias europeias na África.

Estive três vezes em Moçambique, Maputo, nome dado na independência, substituindo Lourenço Marques, dos colonizadores portugueses. Conheci e convivi com dois personagens, um na história universal, e o outro um assinalado diplomata brasileiro: Samora Machel, o líder da independência e primeiro presidente. O outro, o embaixador Ítalo Zappa. Foi por intermédio deste que mantive contatos com o presidente Machel.

No dia 7 de setembro de 1978, na Embaixada do Brasil, em ambiente festivo, voltei a falar com Samora Machel. Eu estivera com ele numa Feira Comercial de Maputo<sup>16</sup>, quando conversamos sobre apoio tecnológico de produtores de calçados do Rio Grande do Sul no soerguimento do arrasado parque fabril de

---

<sup>16</sup> Registro fotográfico em [www.dacostaex.net/pcd.html](http://www.dacostaex.net/pcd.html)

seu país. Desta feita, falamos sobre a luta pela independência de Moçambique, que se arrastara por dez sangrentos anos. Expressava-se qual os jovens no sarau na casa dos Rosa, em Dacar, quando, recordava que, em 1974, completaram-se dez anos de poder da FRELIMO, Frente de Libertação de Moçambique. Dizia que, *“Jovens que somos assumimos responsabilidades que esmagam os velhos. O poder dos exploradores tem centenas e milhares de anos de experiência, enquanto que o nosso Poder é jovem e ao mesmo tempo tem de resolver os problemas que o poder milenário dos exploradores nunca conseguiu”*. Deu-me algumas brochuras enfocando a guerra contra os portugueses, estes com o apoio rico da África do Sul e seus aliados no Ocidente, e sobre a história de Moçambique. Este material está disponível em meu site na internet.

Estive inúmeras vezes no Quênia, de Jomo Kenyatta, de quem traduzi para um jornal o conto o *Homem e a Cabana*. É a metáfora do elefante, que pede licença ao dono da cabana para se abrigar da chuva, colocando apenas a cabeça. Aos poucos vai pedindo licença para introduzir outras partes do corpo até que expulsa o morador. Intelectual refinado, tirou os ingleses de seu país – terra de uma beleza sem par – com inteligência e elegância. Há um pensamento famoso no monumento a Lincoln, em Washington, capital. Fala de não se poder enganar a todos, todo o tempo. Pois Kenyatta, repetiu seus antigos, que nunca tiveram contato com os Estados Unidos (muito mais tarde, quem poderia prever, um filho da pátria por patrilinidade, seu pai é queniano, se tornaria presidente dos EUA), que já prescrevia em suaíli: *“Ngenda thi ndeagaga motegi”*, que significa o mesmo do que está no memorial a Lincoln.

Tenho uma história que guardo com carinho, por que marca uma posição. Para se ir a Moçambique, nos anos 1970, o caminho mais fácil era viajar pela Varig para Johannesburgo e aí apanhar o voo para Maputo. A conexão não era imediata, tinha-se que ficar em Johannesburgo por, às vezes, três dias. Eram tempos do apartheid. Ingressar na África do Sul significava ser barrado em Gana, na Nigéria e outros países da África. Assim, como havia um hotel na parte internacional do aeroporto Jan Smutts (hoje Oliver Tambo), alojava-me no hotel, confinado pelo tempo necessário a esperar o avião para Maputo. Com a transformação da África do Sul na Pátria do Pai Mandela, finalmente fui a Johannesburgo e entrei na cidade, recebendo, de bom grado, o antes enfeitado carimbo de entrada, em meu passaporte.

Quero contar uma história que, acredito, enfeixa minha caminhada, até que escrevi o romance *Benin*. Se passa em um país que visitei, como turista, duas ou três vezes, o Zimbábue. Esta crônica antiga que, acho, explica, de algum modo, a herança que a África deixou em nós, os da diáspora africana, que andam por aqui, no nosso Brasil e nos Estados Unidos, de onde saíram das senzalas e erigiram mais de 100 universidades só de negros, hoje integradas, mas chamadas de Historicamente Negras e fizeram, no início do século vinte, uma revolução cultural, denominada o Renascimento do Harlem. A seguir a crônica que intitulei, *Uma questão de respeito*:

*Escolhi ao acaso um dos bancos, logo à entrada do avião, na viagem que se iniciaria em breve com destino a Johannesburgo, com escala na antiga Rodésia do Norte, agora Zâmbia. Estávamos no aeroporto de Harare, capital do recém independente Zimbábue, meses antes Rodésia, outrora Rodésia do Sul. Alojados mais alguns passageiros naquele compartimento da aeronave, foi dada entrada para os demais – um desfile multicolorido de homens e mulheres, especialmente estas, com seus trajés –*

*individualidades nacionais no universo de nações-estado que, anos às centenas, foram moldando a região. Da mesma forma, notável a polifonia, nos linguajares, nas emissões muitas vezes musicais, de cada uma das falas daquelas pessoas com suas origens. A mais, a radical substituição de meios mais primitivos ou lerdos – semoventes atravessando matas e desertos, e barcas nos rios – pelo avião. Traziam aqueles passageiros uma profusão de produtos de comércio, alguns difíceis de serem acomodadas nos bagageiros sobre as cabeças na moderna aeronave.*

*Recordei-me, então, de uma dessas coincidências históricas: Meses atrás, vinha num vôo da British Airways, de Londres para a África do Sul, no meu caminho para Moçambique. Quando nos aproximávamos de Salisbury, capital da Rodésia, houve grande comemoração a bordo, com champanha servida para quem quisesse. Seria um brinde pelo retorno dos aviões ingleses à colônia rebelde da Rodésia. Seu primeiro ministro, Ian Smith, havia, anos antes, declarado a independência da colônia, desafiando o império britânico. O imenso jumbo inglês fez um panorâmico sobrevoo à capital, mostrando campos de glorioso verdor e, uma cidade planejada e extremamente bem cuidada. Anos adiante, um presidente do Brasil estaria lá e diria “que nem parecia África!<sup>17</sup>”. Disse, sim. Pousamos em Salisbury, que pouco após se tornaria Harare, capital do Zimbábue.*

*Passada a divagação, percebi que, quando parecia que tudo havia se acabado, que o avião estava enfim pronto para ter suas portas fechadas e seguir seu destino, sobrara apenas um assento vago. A cortina que separa as duas classes do avião se mantinha aberta, assim que espiei para trás e vi que estava completamente cheio – menos um assento.*

*As jovens ebâneas aeromoças continuavam em sua azáfama, preparando tudo para o voo iminente. A porta da cabine de comando, poucos passos à frente, se mantinha aberta e os dois pilotos africanos, com alvíssimas camisas brancas e divisas nos ombros, ajustavam numa prancheta as coisas de sua rotina. Aparentemente, ninguém se impacientava com o fato de estarem acomodados e, entretanto, nada ocorrer quanto à partida do avião.*

*Então, carregando seu peso e sua idade – teria pouco mais de sessenta anos – liderado por um despachante da companhia de aviação – avançou em direção às poltronas um monumento em ébano. Era tanto alto quanto gordo. Pelo menos assim eu o via, mirando-o do assento de minha poltrona. Trajava roupas europeias, ou seja, calça, paletó e gravata, atada a uma camisa branca. Apenas desqualificava seu vestir ocidental a bengala esquisita que servia tanto de apoio para seu peso quanto sua idade, mas que o identificava como autoridade nalguma nação africana. Moveu-se pesadamente atrás do despachante que indicou o assento vago a meu lado – ao corredor. Eu estava à janela.*

*Reconheci de imediato meu companheiro de viagem. Era Joshua Nkomo, co-líder da independência do Zimbábue.*

*Ele sentou-se pesadamente. O despachante fez uma mesura e desapareceu, escada abaixo. Como que instantaneamente, uma jovem e bela atendente apareceu, na bandeja dois copos e uma garrafa de*

---

<sup>17</sup> Este comentário foi posto após a criação do conto.

*vinho espumante francês. Serviu-lhe com grande deferência e, isto feito, ofereceu-me a segunda taça, onde colocou da mesma bebida. Agradei e fiz uma breve conjectura sobre a importância da proximidade.*

*O avião, um Douglas MD 80, finalmente levantou voo, enquanto bebericávamos do champanha. Levantaram as mesinhas à frente, mas nos deixaram com nossas taças. No silêncio que havia entre eu e o senhor a meu lado, passei a pensar em meu relacionamento com pessoas mais velhas. Assim, recordei de minha adolescência, em festas de família, ou no meu clube Marcílio Dias: sempre me via associado a alguém bem mais velho. Quando eu mesmo tornei-me um “mais velho”, compreendi os problemas que o choque de gerações vai causando, talvez fazendo os jovens associarem-nos, os tais “mais velhos”, a seus pais e suas restrições. Eu era um bom ouvido, para os velhinhos. E não foram poucos os resultados positivos que obtive, sem qualquer desejo preestabelecido, por esse comportamento.*

*Então, este monumento vivo africano a meu lado, um proecto cidadão, seria diferente de outros, como por exemplo, Carlos Santos?*

*Não! Não deveria ser. Arrisquei. “Good Morning!” Nkomo olhou-me surpreso, mas sua feição era simpática. Acrescentei, mesmo sem o “Good morning” esperado, em retorno. “Eu sou brasileiro, e o conheço pelos jornais”. Nkomo abriu um amplo sorriso, aquele riso bonachão que pessoas gordas comumente têm, e iniciou uma longa conversa comigo.*

*Contou-me de sua origem, estudante numa universidade na África do Sul, tendo como colega o prisioneiro já famoso Nelson Mandela – a Universidade de Fort Hare, celeiro da juventude que expurgou o colonialismo de grande parte da África. Falou-me de seu empenho em libertar seu país, o outrora poderoso Império de Manhumutapa<sup>18</sup>, chafurdado pelo império colonial inglês que insultara tradição milenar, ao rebatizar a região com o nome do explorador John Cecil Rhodes. Para tanto, um dos primeiros passos foi tornar-se líder sindical entre os ferroviários. O voo era longo. Assim, além das sobras de extremada gentileza da equipe de bordo para com o viajante ilustre, caíam-me gotas de um cálice cujo conteúdo eu jamais dele beberia, senão que pelo acaso daquela viagem. E por uma certa questão de respeito. Mr. Nkomo contou-me da derrota do domínio branco, quando um certo Ian Smith, primeiro ministro da Rodésia, que desafiara os ingleses e, também, aos africanos, foi lançado no baú dos trastes da História. E falou-me com tristeza de seu ex-companheiro de lutas, Robert Mugabe, ainda hoje presidente do Zimbábue.*

*Naqueles dias de África, meu imaginário pululava de imagens de homens que tornaram independentes suas nações: Kwame Nkrumah, de Gana; Houphouet-Boigny, da Costa do Marfim; Jomo Kenyatta, do Quênia; Ahmed Sekou Toure, da Guiné Conakry; Amílcar Cabral, da Guiné-Bissau e Cabo Verde; Samora Machel, de Moçambique; Agostinho Neto, de Angola e o prisioneiro Nelson Mandela, da África do Sul.*

*Pois, transcendendo o imaginário, ali estava, a meu lado, loquaz, cheio de vida – um simpático velhão, um vovô que queria alguém que o ouvisse com respeito.*

*Eu ouvi o líder da independência do Zimbábue, com muita honra.*

---

<sup>18</sup> Mais usado na atualidade como *Monomatapa*.

### **BENIN<sup>19</sup>**

Depois de minha aposentadoria, passei a dar expediente em meu antigo escritório de advogado, com horário determinado – manhã e tarde – traduzindo material de escritores afro-americanos. Primeiro foi um conto longo de Richard Wright, quase um romance, intitulado *O Homem do Subterrâneo*<sup>20</sup>. Gostei do exercício e fui traduzindo outros contos. Meu amigo embaixador Vishnu deu-me um livro do historiador ganense Adu Boahen, *Tópicos na História da Costa Oeste da África*, que o traduzi<sup>21</sup>. Dediquei-me com grande esforço em traduzir o melhor que merecia, *As Almas do Povo Negro*, de W.E.B. Du Bois<sup>22</sup>; também de Booker T. Washington, antagonista de Du Bois, sua biografia, *Up from Slavery*, que traduzi como “Longe da Escravidão”<sup>23</sup>. Dediquei-me a escrever contos, que somam mais de 25, muitos com temas de África, outros com temas da Porto Alegre, de minha infância. Misturado com isto, escrevi *As Nações, O Caminho da Volta, Reencontro em Dacar, A Terra Prometida e Benin*.

O que é **Benin**?

**Benin** é um romance que procura resgatar a memória de um dos mais importantes criadouros da arte universal – terra de reis que tinham o título de Obá. O enredo fala, como diz seu subtítulo, de política, arte, paixão e sujeição. Como romance que é, vem carregado de ficção; como romance histórico que se propõe, se vale de fontes confiáveis para analisar o imperialismo inglês que levou uma cultura milenar à sujeição pela força. Como lazer, trata da vida amorosa do obá, analisa a questão dos tabus, crenças, religiosidade e produção artística; enfim, leva os personagens aparentemente secundários à realização de seus sonhos nas Américas. Trata sem disfarce do holocausto – tráfico atlântico de escravos, em sua participação de chefes africanos corruptos ou, mesmo, como forma tradicional de sua cultura.

Obrigado pela paciência, e espero haver contribuído de alguma forma para a compreensão da África, numa visão muito pessoal.

---

<sup>19</sup> *Benin* – José Luiz Pereira da Costa, Chiado Editora, Lisboa, 2013.

<sup>20</sup> *The Man Who Lived Underground*, íntegra em Português no site, setor *Literatura de Protesto*.

<sup>21</sup> Está em [www.dacostaex.net/pcd.html](http://www.dacostaex.net/pcd.html) com título *A Costa: Pequena História de Onde Viemos*.

<sup>22</sup> Está em [www.dacostaex.net/pcd.html](http://www.dacostaex.net/pcd.html)

<sup>23</sup> Está em [www.dacostaex.net/pcd.html](http://www.dacostaex.net/pcd.html)